

EXPEDIÇÃO DEMENE - RETRANCA MANDIOCA - GABRIEL NOGUEIRA- COM FOTOS

(45 linhas)

Pai Raimundo, Baixo Rio Demene (AM) - Os índios colonizaram os brancos ao repassar os rudimentos da cultura da mandioca e da fabricação de farinha, principal agente econômico e de agregação social das populações da área preservada do Rio Demene. Mas o esvaziamento da atividade, devido aos baixos níveis de produção, vem fazendo aumentar, cada vez mais, a caça e a pesca predatórias e o desmatamento, principalmente em Barcelos, última cidade antes da área preservada do Demene, um dos afluentes da margem esquerda do Rio Negro.

Numa iniciativa da Agência Estado, a Universidade Paulista (Unip/Objetivo) e o Núcleo de Monitoramento Ambiental (NMA/Embrapa) uniram-se para realizar o zoneamento econômico-ecológico do Demene. O objetivo é demonstrar que a ocupação da Amazônia pode ser feita com baixo impacto ambiental, apontando alternativas auto-sustentáveis para a população.

Ao longo dos cerca de 500 quilômetros do Demene moram 31 famílias com 180 pessoas, e entre elas há 44 índios baniwas praticamente aculturados. Além disso, mais 72 índios ianomâmis ocupam o posto Ajuricaba. Segundo Evaristo Eduardo de Miranda, do NMA e coordenador do zoneamento, a exploração vegetal e animal está no limite de sustentabilidade e somente os agentes externos representam ameaça de colapso dos recursos naturais.

Por ser uma região de solos extremamente pobres, as margens do Demene não comportam uma exploração agrícola ou extrativista mais extensa, conclui Miranda. A racionalização da fabricação da farinha e a introdução de criações animais mais rentáveis, como a suinocultura, poderiam ser introduzidas na região para garantir a sobrevivência mais digna da população instalada, segundo indica o sociólogo Renato Cabral, coordenador da pesquisa sócio-econômica.

Para Cabral, o extrativismo vegetal não é alternativa econômica suficiente para afastar os ribeirinhos da caça e pesca predatórias e da extração da madeira. Um exemplo é a extração da sorva, produto não elástico usado na fabricação de goma de mascar. A exploração só subsiste porque os 'patrões', intermediários que vendem o produto em Manaus, pagam aos extrativistas em mercadorias, vendidas a preços bem superiores aos de mercado.

Além da sorva estar sendo substituída por gomas artificiais, o trabalho na floresta é pouco produtivo. Uma tonelada de sorva custa Cr\$ 80 mil, mas cada árvore dá ao ano apenas de cinco a seis quilos. Na sua vida útil, a árvore dá apenas três sangrias, no espaço de um ano entre cada uma. "Para se visitar 200 árvores na região do Demene e extrair a goma demandaria muita mão-de-obra e o retorno financeiro não compensa", avalia Cabral.

Do ponto de vista agrícola, o cultivo da mandioca e a fabricação da farinha são as atividades mais pobres e primitivas que existem, segundo considera o sociólogo. "A produção da região, de seis toneladas de raiz de mandioca e duas

toneladas de farinha por hectare plantado, está dentro da média brasileira, que é baixa", acrescenta.

Um detalhe observado pelos pesquisadores foi que nenhuma família planta mais que um hectare. E apesar de a produção de cada roça ser revertida ao grupo familiar, todo trabalho de preparação da terra, colheita e beneficiamento é realizado comunitariamente.

BOX- O COMERCIO - DE GABRIEL NOGUEIRA

Pai Raimundo, Baixo Demene (AM) - Os moradores das margens do Rio Demene precisam viajar de um a dois dias, remando ou em canoa movida a motor pouco potente de 5 HP, para chegar a Barcelos e vender a produção de farinha. Na beira do rio, os 'regatões', comerciantes que vêm em barcos, oferecem preços muito baixos pelo 'paneiro', a cesta de palha usada como recipiente e medida de peso da farinha.

Em Barcelos, cada 'paneiro' (que tem cerca de 30 quilos) é vendido por Cr\$ 6 mil enquanto os 'regatões' só dão Cr\$ 4 mil a Cr\$ 4,5 mil e mesmo assim em mercadorias, com preços que chegam a ser três vezes maiores que na cidade. Uma lata de leite nos 'regatões' pode chegar a Cr\$ 4 mil contra pouco mais de Cr\$ 1 mil na cidade.

"A mandioca não só permite comprar artigos de primeira necessidade, como roupas, comida e outros insumos, como atua como fator de agregação social", diz sociólogo Renato Cabral, Cabral. Outros 48 produtos plantados, frutas principalmente, e caça e pesca funcionam principalmente como complemento de subsistência.

Nas comunidades do Demene há grande incidência de febre amarela, com cura e reinfecção contínuas de toda a população, principalmente no verão. Apesar disso, os ribeirinhos não plantam qualquer tipo de erva medicinal mas coletam raízes na mata. A carapanaúmba, em forma de chá, é usada contra febre; e a saracura (tipo de cipó) contra malária, também muito comum na região.

BOX/ A PLANTAÇÃO - RETRANCA MANDIOCA - DE GABRIEL NOGUEIRA, COM FOTOS

A formiga saúva é a grande praga das plantações de mandioca das margens do Rio Demene. Apesar das tentativas feitas para exterminar o inseto, utilizando venenos doados pela prefeitura de Barcelos, a saúva resiste e obriga a abertura de nova roça de dois em dois anos. Cada nova roça é aberta com queimadas na

floresta, destruindo centenas de metros de madeiras nobres que poderiam dar um lucro maior que a desvalorizada farinha, destaca Renato Cabral.

Normalmente o plantio da mandioca é feito em novembro e a colheita em agosto, diz Francisco Miguel, líder da comunidade indígena baniwa de Pai Raimundo. Além da saúva, os veados e as pacas destroem as plantações.

Pedro Alves Cardoso, 44 anos, tinha uma gleba em Tabocal, o mais extremo sítio do Demene antes da terra ianomâmi, quando foi convencido pelo irmão a trabalhar na extração da piaçava. Só conseguiu sair sete anos depois, ao quitar todas as dívidas com o 'patrão', intermediário que explora locações extrativistas e, na maioria das vezes, paga a produção com alimentos e cachaça.

Há quatro anos Pedro conseguiu comprar mais terras em Pai Raimundo, menos produtivas que Tabocal, onde havia laranja, abacate, manga e outras árvores frutíferas. "Aqui a gente trabalha demais e quase não sobra nada além da comida", ele relata. Sem filhos, Pedro trabalha na roça em companhia da mulher, Maria Florinda, de 67 anos. No dia em que a Expedição Demene esteve em Pai Raimundo, Pedro não tinha sequer munição para caçar e garantir carne para a mesa.

O perfil dos ocupantes das margens do Demene é parecido com o de Pedro. Segundo apurou a pesquisa do NMA, a maior parte reside no local há pouco tempo e já trabalhou em extração vegetal de piaçava e sorva até se conscientizar que essas atividades não garantiam o futuro.

Os moradores recentes do rio têm sua sobrevivência praticamente garantida pelos rendimentos da mandioca. Só há variação nesse quadro entre os que ocupam sítios mais antigos, como Jalauaca e Samaúma, mais próximos do posto ianomâmi, onde o extrativismo da castanha e outras plantações são atividades com peso econômico.

"Esperávamos que o extrativismo entre os moradores do Demene fosse mais forte mas eles estão muito influenciados pelos valores da cidade", constata Renato Cabral, do NMA. Para o sociólogo, a tendência futura é a migração definitiva para centros urbanos maiores, na medida em que os valores urbanos se tornarem mais fortes que os ribeirinhos.

fim